

Lições de humanidade

Militares aprendem regras da guerra: não atacar civis, não pilhar, respeitar prisioneiros

Roberta Jansen

Enviada especial • KINSHASA

Num momento em que os conflitos recrudescem em todo o mundo, visando sobretudo a populações civis, e em que até tropas de paz das Nações Unidas se vêem envolvidas em escândalos, o debate sobre a necessidade de oferecer mais treinamento em direito humanitário a militares volta à cena com toda a força.

Da destruição do patrimônio histórico e cultural no Iraque, passando por maus-tratos a prisioneiros de guerra e ataques a civis, até denúncias de exploração sexual contra os capacetes azuis na República Democrática do Congo (RDC), os exemplos de violação são inúmeros. E parecem longe de ter uma solução a curto prazo.

— A única ferramenta que temos à nossa disposição é o treinamento — defende Mario Katusic, coronel da reserva do Exército da Croácia e, atualmente, assessor do programa de forças armadas do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para a América Latina, por telefone. — As pessoas não mudam num momento de tensão maior se estiverem devidamente preparadas para isso — avalia o militar.

Na análise de Katusic, que lutou na Guerra da Croácia, quanto menos formação e treinamento o soldado tiver, maior a chance de ter uma conduta imprópria e mesmo cruel no campo de batalha.

— A maioria das grandes atrocidades é cometida por pessoas não treinadas; gente normal, sem formação específica. Por isso eu digo: a profissionalização é a única resposta possível — sustenta Katusic.

Foi essa certeza que o levou a trabalhar para o CICV, difundindo a noção de que até mesmo a guerra tem limites.

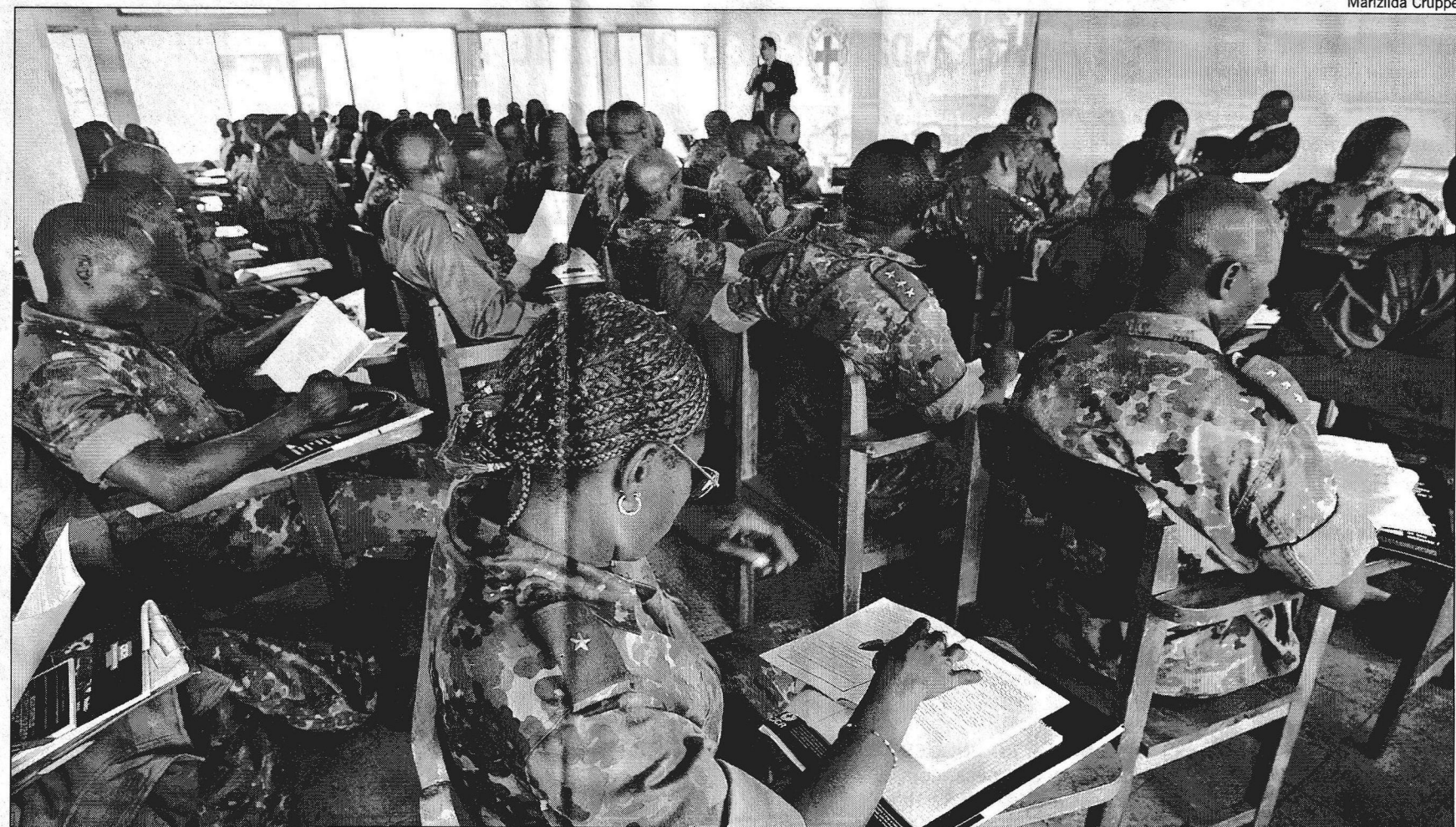
— Depois de ver tantas barbaridades na Guerra da Croácia, uma das inspirações que tive foi buscar o caminho que sigo agora.

Na guerra no Congo, 40 mil estupros

• O trabalho de conscientização dos militares começa, idealmente, na própria formação das tropas. A idéia básica do treinamento é difundir as regras dos conflitos, estabelecidas pelas convenções de Genebra. É o que está ocorrendo agora na RDC, onde o governo tenta criar um Exército nacional a partir da unificação dos mais de 20 grupos militares e paramilitares que lutaram durante a guerra civil, encerrada oficialmente no ano passado.

Na manhã de 1º de novembro, na Escola Superior Militar de Kinshasa, capital de RDC, 280 oficiais que acabavam de retornar de um treinamento militar na Bélgica, voltado para a reunificação das tropas, se apresentaram numa sala de aula para ouvir sobre direito internacional humanitário. Muitos, pela primeira vez.

— Vocês vão aprender que violar, pilhar e devastar são contrários aos princípios da vida — en-



MILITARES DA República Democrática do Congo reunidos pela Cruz Vermelha para receber treinamento em direito humanitário: respeito a civis e prisioneiros de guerra

Marizilda Cruppe



UM OFICIAL lê sobre os direitos da guerra em treinamento em Kinshasa, RDC

sinava Dominique Liengme, chefe da delegação do CICV em Kinshasa. — O objetivo é neutralizar o adversário, não violar mulheres ou massacrar civis.

Pode soar óbvio, mas está muito longe de ser. Basta lembrar que, de acordo com a Anistia Internacional, pelo menos 40 mil mulheres foram

estupradas por soldados na RDC nos últimos seis anos — um número recorde — e a prática de botar fogo em vilarejos e pilhar era corriqueira durante a guerra.

Os treinamentos em direito humanitário do CICV ocorrem em praticamente todos os 79 países do mundo em que o comitê atua, inclu-

sive nos que não estão em conflito, caso do Brasil.

— Fazemos um trabalho preventivo de difusão do direito humanitário entre as Forças Armadas e também entre a sociedade em geral — conta a coordenadora do CICV no Brasil, Sílvia Backes.

Numa outra vertente do trabalho

no país, o comitê prepara também as tropas que integram as Forças de Paz da ONU no Timor Leste e, mais recentemente, no Haiti.

— Numa missão de paz, não necessariamente os soldados vão participar da guerra, mas há uma orientação da própria ONU para que conheçam o direito humanitário — diz Sílvia. ■